

FORÇAS ESTRUTURAIS DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA: A DIACRONIA DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS⁶

Antonio José de Pinho (UFSC)
ajdepinho@gmail.com

RESUMO

Neste estudo, é feita uma análise diacrônica da evolução dos pronomes oblíquos tônicos precedidos pela preposição *com* (*comigo*, *contigo* etc.). Há muitos estudos sobre a variação entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito, mas pouco se estudou sobre tal variação diante da proposição *com*. Procura-se aqui, além de analisar a evolução histórica desses pronomes, determinar que forças estruturais determinaram a reestruturação desse paradigma desde o latim até o português. Defende-se que a mudança sintática – SOV > SVO – desencadeou a reestruturação dos pronomes regidos pela preposição *com*. Os universais linguísticos indicam a causa estrutural dos rumos que a mudança linguística tomou desde o latim. A passagem de *nobiscum* para *conosco* (da posição de *cum* para sua proposição) é explicada principalmente por mudanças anteriores na sintaxe da ordem básica dos constituintes da oração, da latina ordem *sujeito-objeto-verbo* para a românica *sujeito-verbo-objeto*. Esta mudança fez a língua perder a posição da partícula *cum*.

Palavras-chave:

Linguística histórica. Variação pronominal. Pronomes oblíquos tônicos.

1. Introdução

Manuais de história da língua portuguesa, como o de Mattoso Câmara Jr. (1979), por exemplo, apenas *descrevem* como os pronomes oblíquos tônicos (*comigo*, *contigo*, *consigo*, *convosco* e *conosco*) formaram-se e alteraram-se diacronicamente, e não indicam as motivações que estão na própria estrutura da língua, responsáveis pelas alterações na configuração dessas formas pronominais. E, ao simplesmente descrever, não apontam a *causa* da evolução desses pronomes. Assim, procurando preencher tal lacuna da história do português, objetivamos buscar não apenas uma *descrição* da origem (e evolução) desses pronomes, porém, indicar, ou melhor, *explicar* a causa da mudança linguística que os originou, principalmente os fatores internos (portanto estruturais) que levaram à atual configuração desses pronomes.

Sabemos de muitos estudos sociolinguísticos que têm investigado

⁶ Este artigo é uma adaptação da primeira parte de Pinho (2009).

a variação dos pronomes pessoais na função de sujeito da oração, tais como Lopes (1998; 2007) e Brustolin (2009). Dessa forma, a variação entre *nós* e *a gente* sempre é estudada em contextos sintáticos como *nós falamos/a gente fala*. O que podemos afirmar *a priori* é que o pronome *conosco* não tem sido tão focalizado, nas pesquisas sociolinguísticas, quanto, por exemplo, o pronome *nós* em caso nominativo.⁷

Iniciaremos este estudo com uma análise da evolução da forma dos pronomes oblíquos tônicos desde o latim. São também feitas algumas considerações sobre esse paradigma pronominal no latim vulgar com base no *Appendix Probi*. Segue-se, por fim, a explicação da causa estrutural da evolução dos oblíquos tônicos, questão que envolve a pressão da reestruturação sintática sobre os pronomes regidos pela preposição *com*.

2. A evolução dos pronomes oblíquos tônicos desde o latim

No latim clássico, *me*, *te* e *se* tinham a mesma forma, tanto no acusativo quanto no ablativo. *Nobis* e *vobis* eram as formas ablativas dos pronomes de primeira e segunda pessoa do plural, ao passo que *nos* e *vos* eram as suas respectivas formas acusativas.

De acordo com Napoleão Mendes de Almeida, na sua *Gramática Latina*, a preposição *com*, ou *cum*, em latim, “se coloca depois do pronome no ablativo e não antes; não se dirá, portanto, *cum me*, *cum te*, *cum se* etc.” (1982, p. 137). Estas construções são, portanto, agramaticais em latim. Entretanto, esse sistema de posposição só ocorre com os pronomes pessoais, pois com os nomes a estrutura sintática é inversa. É o vocábulo regido pela preposição que é posposto. Exemplos:

1) *Cum fratre* (ALMEIDA, 1982, p. 137)

2) *Orare cum lacrimis*; (*Idem, ibidem*)

3) “...*placida in actu cum humanitate multa...*” (Cf. SÊNECA, 2005, IV, 2).

As palavras *frate*, *lacrimis* e *humanitate multa* estão no caso ablativo, o qual é regido pela preposição *cum*. É importante lembrar, então, que a posição desta preposição não é livre como a colocação dos sintagmas nominais e verbais na frase. *Cum* ocorre sempre posposta quando

⁷ Este artigo desenvolve do tema da pesquisa abordado em Pinho & Cardoso (2010).

rege pronomes pessoais, e sempre anteposta quando rege nomes.

No latim vulgar, as formas ablativas desses pronomes – *nobis* e *vobis* – foram absorvidas pelo acusativo.⁸ Assim, os pronomes *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos*, podiam tanto ocorrer, agora, na função de objeto direto quanto na de adjunto adverbial – função esta que os nomes/pronomes exerciam quando estavam revestidos com forma do caso ablativo. Esta mudança não alterou a posição da preposição em relação aos pronomes, ou seja, ela continuava a ser posposta.

Como bem recorda Coutinho (1974, p. 32), ocorreu uma mudança fonológica, no latim vulgar, que ocasionou o “obscurcimento dos sons finais: *es* (*est*), *dece* (*decem*), *mecu* (*mecum*), *posuerun* (*posuerunt*), *pos* (*post*), *ama* (*amat*), *biber* (*bibere*)”. Essas modificações se explicam pelo fato de que a posição de coda silábica foi a mais alterada com a evolução fonológica da língua. Em latim clássico “com exceção de *f*, *g*, *h*, *p* e *q*, todas as demais consoantes podiam figurar como finais de palavras latinas” (COUTINHO, 1974, p. 116). Houve, entretanto, uma grande redução no número de fonemas que poderiam ocupar essa posição na sílaba, restando, no fim, em português, somente 4 fonemas consonantais nessa posição de final se sílaba: /l/, /r/, /s/ e /N/. (MENDONÇA, 2003, p. 35)

Essa mudança fonológica, que se operou no latim vulgar, teve inclusive repercussões na morfologia, pois o apagamento do /t/ em coda silábica eliminou o morfema número-pessoal de terceira pessoa. Por sua vez, o apagamento do /m/ eliminou a marca morfológica de primeira pessoa do singular e também a do caso acusativo. Exemplos:

Paulus Mariam amabat > *Paulus amaba Maria* > *Paulo amava Maria*

Ego Mariam amabam > *Ego amaba Maria* > *Eu amava Maria*

Há, portanto, reflexo dessa mudança no sistema pronominal estudado. A preposição *cum* perdeu seu último fonema, como inclusive pode se observar no citado exemplo, que é dado por Coutinho, no qual *mecum* passa para *mecu*. O paradigma fica, assim, com a seguinte configuração em latim vulgar:

<i>mecu</i>	<i>tecu</i>	<i>secu</i>	<i>noscu</i>	<i>voscu</i>
-------------	-------------	-------------	--------------	--------------

Após isso, como afirma Meier (1974), na România Ocidental – constituída atualmente por Espanha, França e Portugal – as oclusivas

⁸ Essa mudança linguística do latim clássico ao vulgar será melhor analisada mais adiante.

surdas sonorizam-se em posição intervocálica, já na România Oriental – Itália e Romênia – tais fonemas não se alteram. Dessa forma, /p/, /t/ e /c/ passam para /b/, /d/ e /g/ em português, como ocorre nestes exemplos: *lupu* > *lobo*, *amicu* > *amigo*, *civitate* > *cidade*.

Explica-se, dessa maneira, a sonorização do *c* em *mecu*, *tecu* e *secu*. Em *voscu* e *noscu*, por sua vez, o *c* permanece por se encontrar precedido pelo fonema /s/, estando, assim, em contexto que não favorece a sonorização da oclusiva.

Agora, a mudança do /e/ para /i/, segundo Mattoso Camara Jr. (1979, p. 97), deve-se à metafonia “por causa do /u/ final em *mecu(m)*, *tecu(m)*, *secu(m)*.” Uma explicação alternativa seria o efeito da analogia das formas *meço tego* e *seço* com *mim*, *ti* e *si* que teria ocasionado a mudança na vogal.

Todas essas mudanças fonológicas levam os pronomes às seguintes formas em português arcaico:

<i>migo</i>	<i>tigo</i>	<i>sigo</i>	<i>nosco</i>	<i>vosco</i>
-------------	-------------	-------------	--------------	--------------

Estes pronomes eram, na fase antiga da língua, usados isoladamente, sem haver, dessa forma, a necessidade da preposição *com* diante deles. Isso ocorria porque havia a consciência do “pleno valor da preposição contido na sílaba final -go [...]”. (CAMARA JUNIOR, 1979, p. 97)

Porém, em algum ponto da Idade Média, começou a existir “variação livre” entre *migo* e *comigo*, por exemplo. No *Dicionário* de Houaiss (2007), há a indicação de que *nosco* e *conosco* já estavam em processo de variação durante o século XIII, contudo, no século XV, permanece apenas a variante *conosco*. Assim, com o tempo, as variantes que apresentavam a preposição aglutinada na primeira sílaba foram as que sobreviveram na língua.

Eis, aqui, um dos grandes problemas encontrados na evolução desse paradigma de pronomes oblíquos. Não encontramos uma explicação satisfatória sequer para esta drástica mudança ocorrida nos pronomes portugueses. Qual seria a causa da reintrodução da preposição diante dos pronomes? Com razão, comenta Almeida que “Esse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico”. (ALMEIDA, 1962, p. 158)

As gramáticas históricas dão as seguintes explicações para a introdução da preposição *com* diante dos pronomes:

O esquecimento posterior de que o final *-go* de *migo* era a evolução natural da preposição latina *cum* foi a causa de que o povo reforçasse aquele composto *com* a mesma preposição, de que resultou a forma atual pleonástica *comigo*. (COUTINHO, 1974, p. 253)

No português antigo empregou-se *nosco* sem o reforço de *com* porque ainda estava presente ao espírito de todos que a terminação *-co* representava a preposição latina *cum*. Obliterada essa ideia, tornou-se necessário o reforço, o que deu em resultado a forma atual *conosco*. (COUTINHO, 1974, p. 254)

Na medida em que a significação das sílabas *-go* e *-co* se perdia, a preposição era de novo adjungida a essas formas, já estão como proclítica. As novas combinações se conformavam à ordem regular do pronome e preposição em português. (WILLIAMS, 2001, p. 50)

Nestas formas entra, como se sabe, a preposição *cum* posposta ao pronome, no caso ablativo, em harmonia com o seu regime, e a antiga língua, parece, tinha consciência de sua existência nelas, portanto também as empregava sós. Mais tarde, porém, essa consciência perdeu-se, resultando daí as expressões pleonásticas *comigo*, *contigo*, *conosco*, *convosco*. (NUNES, s.d., p. 240-241)

Como se vê, as explicações se repetem, em grande parte. Perde-se a noção de que *-co* e *-go* são partículas gramaticais – uma posposição – e recoloca-se *com* diante dos pronomes. Suas análises do fenômeno não estão incorretas, mas são muito psicológicas, e não tratam o problema com a profundidade e a importância devida. No fundo, ficam somente no plano da *descrição*, porém não *explicam* realmente a *causa*⁹ da evolução. Não existiria, por acaso, a interferência de mudanças ocorridas em outras estruturas da língua? Um fenômeno de mudança não estaria levando a outra mudança? Estas questões não são respondidas pelas gramáticas históricas.

3. *O testemunho do latim vulgar: o Appendix Probi*

O *Appendix Probi* dá uma importante pista sobre a variação nos pronomes regidos por *cum* no latim vulgar do século III d.C. O gramático Probo faz referência aos pronomes oblíquos tônicos nas glosas 220 e 221 de seu *Appendix*:

Noviscum non Noscum
Vobiscum non Voscum

(*Apud* SILVA NETO, 1946, p. 255)

⁹ Ou *motivação* da mudança, seja ela uma *motivação* de ordem estrutural ou social.

A primeira expressão representa a forma culta do pronome, já a segunda o “erro” gramatical a ser corrigido.

Na primeira glosa citada, já podemos ver que, mesmo no latim culto do século III, houve variação entre *nobiscum* e *noviscum*. A troca do /b/ pelo /v/ é explicada por abrandamento – ou lenização –, processo que consiste numa “passagem de um fonema de articulação forte para outro de articulação fraca, dentro do sistema fonológico da língua” (CÂMARA JUNIOR, 1977, p. 156). Neste caso específico, há a troca da consoante oclusiva /b/ – fonema de articulação mais forte – pela fricativa /v/ – articulação mais fraca.

O *Appendix Probi* evidencia que a variante *noscum* era estigmatizada, ou seja, era a forma rejeitada pelos gramáticos – que representam o sistema educacional romano –, e excluída dos registros mais formais da língua (obras literárias, inscrições de monumentos públicos, documentos oficiais, entre outros). Porém, são essas formas do latim vulgar que inicialmente foram estigmatizadas pelos puristas – *noscum* e *voscum* –, que vão mais tarde suplantar as formas clássicas dos pronomes. Consequentemente, o paradigma pronominal do português e espanhol se formará a partir do padrão que ele apresentava no latim vulgar, no qual as formas *nobiscum* e *vobiscum* já são arcaísmos.

Silva Neto, em sua edição do *Appendix Probi*, faz uma breve análise da evolução desses pronomes, a qual, em parte, aqui reproduzimos:

De fato, o que realmente aconteceu foi a predominância do acusativo, cujas funções se dilataram imensamente. Houve, portanto, câmbio morfológico e não fonético.

Diga-se, a bem da justiça, que já um filólogo nosso, o Prof. Sousa da Silveira [...] vira a verdade: “Igualmente não houve deslocação do acento do *nobiscum* e *vobiscum* para darem as nossas formas antigas *nosco* e *vosco*, pois estas não provieram daquelas, e, sim, de *noscum* e *voscum*, cuja existência o simples raciocínio nos faria admitir, uma vez que vimos a tendência a regerem todas as preposições o acusativo; mas a emenda proposta pelos gramáticos *nobiscum non noscum* documenta cabalmente aquelas formas.” (*Trechos Seleto*s, 1919, pg. 9; 5.a ed., 1942, pg. 24). (SILVA NETO, 1946, p. 255-256)

Da análise de Silva Neto e de Sousa da Silveira, nasce um problema, pois defendemos, neste estudo, que os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* são resquícios morfológicos de ablativo no português. Mas esta análise não estaria errada, já que estes evoluíram de pronomes em sua forma acusativa?

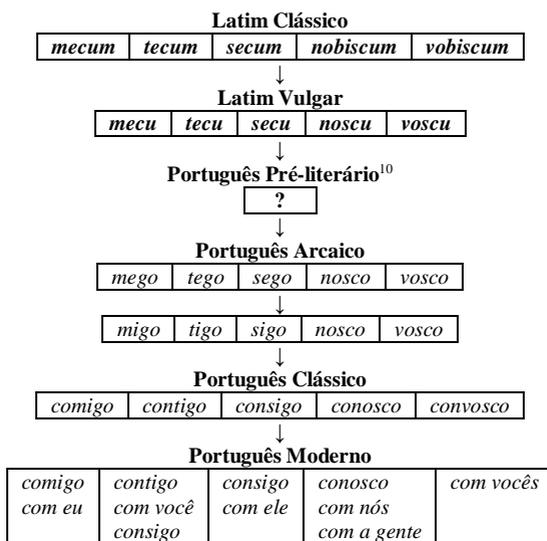
Creemos que não, porque, em português, as formas acusativas dos

pronomes pessoais (*me, te, se, nos e vos*) são bem diferentes de seus correspondentes no ablativo, nos quais a última sílaba (*co* ou *go*), um resquício da preposição latina *cum*, representa, de certa forma, uma marca morfológica de ablativo, caso este que é regido pela preposição *com* aglutinada no início dos pronomes.

De qualquer forma, a análise feita por Silva Neto e Sousa da Silveira sobre a evolução desses pronomes com base no *Appendix Probi*, apesar de apropriada, repete aquilo que já se encontra nas principais gramáticas históricas do português, não acrescentando, por isso, novos fatos para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno.

4. Esquema da evolução do paradigma pronominal

Se sintetizarmos todos esses processos ocorridos desde o latim clássico ao português brasileiro atual, temos o seguinte quadro:



Sobre o presente esquema evolutivo do paradigma pronominal

¹⁰ Como não há textos propriamente portugueses desse período, pois se escrevia em latim (ou latim bárbaro), não é possível dar informações precisas sobre o paradigma pronominal entre o latim vulgar e o português arcaico.

apresentado acima, são feitos alguns comentários sobre a variação/mudança desses pronomes no português moderno.

No português moderno, avança a perda dos resquícios do caso ablativo herdados do latim. Isso se deve à gramaticalização das formas *você(s)* e *a gente* como pronomes pessoais que, diante da preposição *com*, substituem os oblíquos tônicos *tigo*, *nosco* e *vosco*.

No português do Brasil, há a conhecida tendência histórica da substituição dos pronomes oblíquos por formas do caso reto – *vi ele*, *perdi ele* (ELIA, 1976, p. 112). A mudança no sentido da substituição das formas do caso reto pelo oblíquo atingiu não apenas a posição sintática de objeto direto, mas também se propagou para a posição na oração em que o pronome é regido pela preposição *com*. É o caso da variante *com nós*, muito presente no Brasil, fato corroborado por dados dialetológicos como os encontrados no *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e no *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), por exemplo.

Na fala corrente, o brasileiro, praticamente, nunca diz *consigo*. É comum, em seu lugar, o uso de formas como *com ele*, ou até *com ele mesmo*. Neste último exemplo, agrega-se *mesmo* a *com ele* para se reforçar a ideia reflexiva antes expressa em *consigo* sem ambiguidade.

O pronome *consigo*, contudo, não tem apenas função reflexiva. No português de Portugal, e até em certos lugares do Brasil, *consigo* ocorre no sentido de *contigo* em situações de maior formalidade. Para exemplificar, cito um diálogo do romance *Jerusalém*, do escritor contemporâneo Gonçalo M. Tavares: “Simpatizo *consigo*, Mylia. Espero que possamos voltar a falar”. (TAVARES, 2006, p. 36)

5. As causas estruturais da mudança

5.1. A analogia e regularização do paradigma

Descrever como a língua muda não é o bastante. É preciso explicar a causa, e há, pelo menos, três explicações para a mudança de *nobiscum* – no latim – para *conosco* e, conseqüentemente, para *com nós/com a gente*.

Em primeiro lugar, sabemos que as línguas do tronco indo-europeu, pelo menos, no decorrer de suas histórias, tendem, desde muito tempo, para uma simplificação de suas estruturas morfológicas. Isso é percebido facilmente nos sistemas de flexão casual. No indo-europeu, os no-

mes declinavam-se em oito casos. Portanto, havia nele dois casos a mais do que no latim, a saber, o locativo e o instrumental, que foram substituídos por um maior uso de preposições. “E a ausência do locativo e do instrumental, em latim, coincide justamente com o aparecimento de preposições que não existiam no sânscrito, onde, no entanto, persistiam aqueles dois casos”. (MONTEIRO, 1926, p. 17)

No próprio latim clássico, o sistema de flexão casual já apresentava sinais de simplificação, pois os casos nominativo e vocativo se neutralizavam em quase todas as declinações, menos na segunda (ex.: *dominus, domine*). Além disso, o ablativo e o dativo também tinham a mesma forma na maior parte das declinações (ex.: *domino, domino*).

Sendo assim, como na sociolinguística, temos o *princípio da uniformidade* (TARALLO, 1990), segundo o qual as mesmas forças observadas na sincronia de uma língua também, certamente, ocorreram no passado, temos que ver que não é por acaso que o português atual caminha para uma realidade em que há menos flexões verbais e menor quantidade de marcas de caso no sistema pronominal. Segundo Câmara Jr. (1979, p. 72-73), o mesmo ocorreu com o latim, em que o sistema flexional verbal e nominal simplificou-se com a supressão de vários casos e desinências. Assim, podemos ver que as mudanças linguísticas ainda atuam no sentido de apagar as desinências. Ou ainda, o atual caminho percorrido pelo português é, na verdade, a continuação de várias mudanças estruturais que já ocorreram no português antigo, e até antes, no próprio latim.

A passagem do *conosco*, prescrito pela norma padrão, para as formas *com nós* e *com a gente* pode, muito bem, ser explicada por esse processo histórico de perda das marcas de caso no sistema morfológico da língua, porque, como foi explicado antes, o pronome *nosco*, que sempre ocorre aglutinado à preposição *com*, nada mais é que um resquício do caso ablativo no sistema pronominal do português.

A segunda explicação da mudança se deve à tendência de regularização dos paradigmas gramaticais, o que, na verdade, é uma consequência do processo descrito acima.

A gente cantava ————— [Nós cantávamos]

Isso é da gente ————— [Isso é nosso]

Ele viu a gente ————— [Ele nos viu]

A regularização ocorre também por *analogia*, pois, se o falante usa estas variantes acima, num processo de analogia, ele certamente pode

colocar também o pronome *a gente* em posição de adjunto adverbial de companhia precedido pela preposição *com*. O mesmo vale para o uso da variante *com nós*. No Brasil, é muito comum encontrar estas construções na linguagem não padrão:

Nós cantava
Ele viu nós

Assim, nada impede a frase *Ele saiu com nós*. O falante, por analogia, regulariza o seu paradigma pronominal de primeira pessoa do plural, apagando as marcas de caso acusativo (Ele viu *nós*) ao colocar o pronome do caso reto em posição de objeto direto, e, também, ao eliminar os resquícios de ablativo, substituindo *nosco* por *nós*. Entretanto, levando em conta a avaliação social das variantes, a variedade não padrão, que utiliza *nós*, encontra-se em desvantagem, já que muito possivelmente conta com estigma. Podemos intuir, pela nossa própria experiência como falantes da língua, que quem falar *com nós*, em uma reunião de trabalho ou para uma grande plateia, será avaliado negativamente. Já a variante *com a gente* é mais neutra nesse sentido, pois não é tida como “errada” pelo vulgo.

5.2. A motivação sintática

Há uma terceira explicação para a mudança que, no fundo, é a causa mais importante da reestruturação do paradigma pronominal. Mudando, pois, o foco da análise, vemos que há profundas implicações sintáticas na transição do latim *nobiscum* para *conosco*, no vernáculo.

Em uma oração simples, com sujeito e um predicado com verbo transitivo, há seis possibilidades matemáticas de combinação dos sintagmas, sendo elas: SVO, SOV, VOS, OVS, OSV e VSO. Dessas possibilidades, segundo Slobin (1980), nas línguas naturais, encontram-se apenas três delas: as estruturas SVO (como no português, espanhol e inglês), SOV (como no latim clássico) e VSO.

Pode-se ver também que, seja qual for a língua, o verbo pode aparecer em qualquer posição, mas os sintagmas nominais não, pois o sujeito precede o objeto direto. Claro que em latim havia grande liberdade de posicionamento dos sintagmas, como confirma o próprio Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 72) em sua história da língua portuguesa, mas os gramáticos, como Almeida (1982), recomendam o uso da ordem clássica SOV.

Luna terram illustrat.

S O V

Tal ordem sintática não impede as outras combinações possíveis entre os sintagmas, isso pelo motivo de a morfologia nominal marcar no nome a sua função na oração. Vejamos:

Luna illustrat terram
Terram luna illustrat
Terram illustrat luna
Illustrat terram luna
Illustrat luna terram

Em todas as opções, reconhecemos perfeitamente a função sintática de cada substantivo, não importando a ordem em que estejam. Isto podia ocorrer em latim, principalmente na poesia, para que os versos seguissem a métrica e o ritmo desejado. O que não anula, obviamente, o fato de o latim ser uma língua de estrutura sintática SOV.

Devido à morfologia nominal simplificada na evolução da língua, a mesma frase em português tem somente a seguinte estrutura:

A lua ilumina a terra

S V O

Slobin (1980) reproduz em seu livro uma tabela na qual estão os resultados de um estudo de J. A. Hawkins¹¹ que faz a correlação entre a existência de posposição ou preposição e a estrutura sintática, vendo qual a influência que a ordem sintática pode ter sobre a colocação da preposição (ou posposição) em relação ao sintagma que rege.

	Ordem dominante de palavras		
	VSO	SVO	SOV
Preposições	38	60	5
Posposições	1	23	90

Tabela 1 – A relação entre ordem sintática e a ocorrência de preposição ou posposição. Fonte: (HAWKINS *apud* SLOBIN, 1980, p. 95)

Sendo assim, logo se percebe que as “línguas do tipo SVO variam, mas 73 por cento delas usam preposições” (SLOBIN, 1980, p. 96).

¹¹ Segundo se pode ver na bibliografia do supracitado livro de Slobin, *Psicolinguística*, este estudo de J. A. Hawkins, que por sinal não foi publicado, foi apresentado em 1976 na Universidade da Califórnia sob a forma de comunicação.

Este é o caso das línguas neolatinas como o português e o espanhol. Além do mais, o estudo de Hawkins é muito significativo por ter sido feito com base em 217 línguas, de acordo com sua estrutura sintática, ou seja, do posicionamento da preposição (ou posposição) em relação ao sintagma que está regendo. Mais de duas centenas de línguas é uma amostra bem significativa, com a qual é possível lançar um novo olhar sobre o problema da evolução dos pronomes em português.

Como indica a tabela, de um total de 114 línguas que possuem posposições, 90 delas têm a ordem sintática na qual o objeto direto precede o verbo que ocorre ao fim da oração, o que significa dizer que 95,7 % das línguas SOV, como é o caso do latim, possuem posposições. Assim, em termos de estrutura sintática, a possibilidade de a língua latina possuir posposições era bem maior do que não possuir, e é o que de fato ocorria em tal idioma, lembrando que a posposição não era um fato absoluto no latim. A verdade é que ela não ocorria na maior parte dos casos, uma vez que em latim havia a coexistência, tanto das preposições quanto das posposições. Porém, o que mais significa, no presente caso, é a presença ou não de posposições dentro da estrutura linguística. Um fato inquestionável é que esta variação estrutural, na qual havia, tanto posposições quanto preposições, deixou de existir no português e no espanhol, para que houvesse exclusivamente a preposição. E justamente um dos fatos sintáticos significativos na passagem do latim ao português¹² foi a mudança da ordem sintática SOV para a atual SVO. O que significa que se passou de uma estrutura sintática que privilegiava a ocorrência de posposições para uma que privilegia a preposição.

Os dados da tabela de Hawkins demonstram – além do que foi dito a respeito das línguas SOV – que, contrariamente às línguas do tipo do latim que contam com posposições, as línguas, cujo objeto direto aparece ao fim da oração e sucede o verbo, apresentam muito mais possibilidade de terem preposições. Obviamente elas variam mais que as línguas de posposição, mas, de um total de 103 línguas de preposição estudadas por Hawkins, 60 delas possuem a ordem sintática SVO, resultando numa porcentagem de quase 60%. Ou seja, neste caso também há certa tendência de a estrutura sintática determinar o posicionamento das preposições, o que se confirma com as línguas SVO, quando estas apresentam uma maior possibilidade de ter preposição que posposição, ainda mais se pensarmos que a posposição em latim ocorria só em parte de sua estrutura

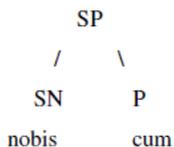
¹² E também às outras línguas neolatinas.

gramatical.

Nada impede de se argumentar que a mudança da ordem SOV do latim para a ordem SVO do português tenha sido a causa estrutural de uma profunda mudança na configuração dos pronomes em posição de adjuntos adverbiais (*conosco, comigo, consigo...*). A possibilidade de que o português continuasse a ter posposições após a mudança da estrutura sintática era absolutamente pequena, porque apenas 27% das línguas SVO são de posposições, considerando-se obviamente o universo de línguas pesquisadas por Hawkins, levando-nos à conclusão de que apenas 23 línguas, de um total de 83 de tipo SVO, possuem posposições.

Sintetizando tais números, basta se afirmar *que há muito mais possibilidades de uma língua SVO possuir preposição do que posposição. E, no caso contrário* (que é o caso do latim), *há muito mais possibilidade de uma língua SOV ter posposição do que não ter*. Pode-se entender, assim, com base em tais números, que a mudança sintática operada na passagem do latim ao português, na qual houve a posposição do objeto direto ao verbo da oração, tenha imposto uma nova configuração da estrutura dos pronomes do paradigma de *conosco*.

O mais importante é que essas línguas de ordem sintática SOV, possivelmente por imposição estrutural da gramática universal privilegiaram a existência de partículas gramaticais (*cum*, por exemplo) em posposição ao sintagma nominal que regem, ao passo que as línguas de ordem SVO privilegiam a preposição (SLOBIN, 1980). Por isso, no latim, uma língua SOV, ocorre a posposição nos sintagmas *mecum, secum, tecum, nobiscum* e *vobiscum*, onde a partícula *cum* aparece após os pronomes, formando a seguinte estrutura sintática:



Porém, na passagem do latim ao português arcaico, houve a inversão na estrutura interna do SP, bem como uma inversão na ordem entre o objeto direto e o verbo, passando a existir a ordem verbo-objeto, em detrimento da ordem latina objeto-verbo.

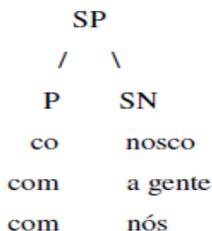
Num estágio de transição, em português arcaico existiam marcas sintáticas do latim vulgar, do qual se originou. Assim, é compreensível haver as formas *migo, tigo* e *sigo* usadas isoladamente em português ar-

caico, porque a estrutura da língua ainda estava em fase de transição, conservando traços arcaizantes em sua gramática. A mudança não estava implementada. Ainda se preservava na fase arcaica do português a posição da partícula *com*, que já estava bem alterada neste estágio da evolução linguística – com a troca do *c* pelo *g* e, ainda, com apócope do segmento *m* e metáfora da última vogal (*cum* > *cu** > *gu** > *go*). Mas, mesmo com todas essas alterações na forma, ainda se sentia a função dessa preposição. A mudança na posição do objeto direto veio antes da perda da posição.

O mesmo pode ser dito para a forma *conosco*, já que faz parte do mesmo paradigma que as formas *contigo*, *consigo* etc. Na passagem do latim clássico ao vulgar (CAMARA JR., 1979, p. 98), houve a troca do *nobiscum* por *noscum* para a regularização do sistema, como já foi dito, fato que se deu por analogia, havendo o mesmo processo hoje, em que se dá a troca do *conosco* pelo *com nós*.

Portanto, no português arcaico, as formas pronominais *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* tinham uma estrutura sintática inversa da encontrada no português moderno, pois a preposição ocorria aglutinada ao fim, como vimos. Mas a mudança sintática que substituiu a ordem clássica SOV por SVO também levaria a um rearranjo no sistema dos pronomes oblíquos tônicos, passando a ser necessária a introdução da preposição *com* diante desse paradigma pronominal.

Se formos analisar em um diagrama arbóreo, passaríamos a ter a seguinte estrutura sintática, que é exatamente a inversa encontrada no latim:



6. Conclusões

Procuramos deixar claro que as mudanças no paradigma dos pronomes oblíquos tônicos ocorreram no sentido de um apagamento dos

resquícios das marcas do caso ablativo dentro do sistema gramatical. Dessa forma, diversos fatores levaram à regularização das formas por processos de analogia, dentre outras causas possíveis.

Também relacionamos esses processos de variação linguística com a sintaxe. Defendemos a hipótese, segundo a qual, mudanças linguísticas que atuaram sobre a estrutura sintática do latim e do português causaram uma reorganização do sistema dos pronomes regidos pela preposição *com*.

Por isso, cremos que a contribuição mais importante deste estudo foi a de corroborar a postura teórica segundo a qual *as mudanças que atuam sobre um sistema linguístico específico têm motivações tanto sociais quanto estruturais*¹³. Assim, causas sociais e estruturais atuam juntas na evolução da língua, pois ela se desenvolve numa convergência de causas, tanto internas – as pressões da estrutura gramatical – quanto externas – as pressões sociais e históricas, que acabam refletidas na língua de um determinado grupo.

No caso específico deste estudo, não há como explicar satisfatoriamente o acréscimo redundante da preposição *com* diante do paradigma pronominal pesquisado, sem antes recorrermos às motivações que têm origem na própria estrutura gramatical. Foi a mudança da ordem sintática ocorrida nessa passagem do latim ao português, em que se saiu de um sistema SOV para um SVO, que forçou a reintrodução da preposição *com* diante do paradigma. Isso se deu porque se sabe que as línguas SVO tendem muito mais a ter preposição, já as SOV favorecem a posposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

_____. *Gramática latina*. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. 2009. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

¹³ Pensemos, aqui, na estrutura interna da língua, ou seja, o seu sistema gramatical.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COUTINHO, Ismael da Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

ELIA, Sílvio. *Ensaio de filologia e linguística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2007. CD ROM.

LOPES, Célia R. dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *D.E.L.T.A*, vol. 14, n. 2, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000200006&script=sci_arttext> Acesso em: 10-09-2009.

_____. A gramaticalização de a gente em português em tempo real e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, vol. 4, n. 1, 2007, p. 47-80.

MEIER, Harri. Formação da língua portuguesa. In: _____. *Ensaio de filologia românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MENDONÇA, Clara Simone Ignácio de. A sílaba em fonologia. *Working Papers em Linguística*, n. 7, 2003, p. 21-40.

MONTEIRO, Clóvis. *Da tendência analítica na evolução do nosso idioma*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1926.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 8. ed. Lisboa: Clássica, [s.d.].

PINHO, Antonio José de. *Um estudo diacrônico do pronome conosco*. 2009. Trabalho de conclusão de curso. – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____; CARDOSO, B. Considerações sobre a história do pronome conosco. *Working Paper em Linguística*, vol. 11, n. 1, p. 55-69, 2010.

SÊNECA. *Sobre a vida feliz*. [*De Vita Beata*]. Trad.: João Teodoro D'Olim Marote. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. Trad.: Rossine Salles Fernandes.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

São Paulo: Edusp, 1980.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos*: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES, Gonçalo M. *Jerusalém*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Trad.: Antônio Houaiss. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.